

(*) *Carla Susana Alem Abrantes* é doutora em Antropologia Social (UFRJ), professora de Antropologia do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia-Afro-Brasileira, UNILAB. É líder do Grupo Cultura, Desenvolvimento e Cooperação Internacional e pesquisadora do LACED/MN/UFRJ – Laboratório de Pesquisas em Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento. Suas áreas de interesse. @ sabrantes@unilab.edu.br

O ensino superior em Redenção (CE), Brasil: comentário sobre um arquivo virtual

Higher education in Redenção (CE), Brazil: comment on a virtual file

Carla Susana Alem Abrantes*

RESUMO: Esta é uma breve reflexão sobre o ensino superior a partir de um *blog* que funcionou como um *clipping* de notícias entre os anos de 2009 e 2010. Inspiro-me na proposta de Johannes Fabian (2007,2008) sobre o “comentário” como um recurso do conhecimento antropológico para o diálogo com esse arquivo virtual, destacando alguns pontos que me serviram para pensar na pluralidade de coletivos que permearam a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia-Afro-Brasileira (Unilab) no contexto de sua implantação em Redenção, Ceará, Brasil.

Palavras-chave: ensino superior; cooperação internacional; antropologia

“**P**rofessora, mas afinal, o que há por trás da UNILAB?”, perguntou-me um aluno estrangeiro recém-chegado a Redenção. Entender as razões para a existência de uma universidade brasileira, internacional, que recebe estudantes dos países africanos de língua portuguesa e também do Timor-Leste, parece ser uma questão para os que chegam a Redenção – Ceará - Brasil em busca de uma formação superior. Como alunos, esses jovens passam a acessar os múltiplos imaginários em circulação no interior da instituição, mediados principalmente por professores e funcionários da administração. As linhas que se seguem procuram responder a essa pergunta, correndo-se o risco de entrar em uma arena que, a princípio, não deveria pertencer a um antropólogo: falar sobre a sua própria casa. Por

outro lado, a escrita “de dentro” pode ser um caminho para o estranhamento do que está próximo (FABIAN, 2007,p.27) permitindo novas condições de comunicação e participação em um coletivo.

No sentido de uma base mais sólida para me mover em direção ao passado da instituição em busca de uma resposta, retorno a março de 2012 quando eu acabara de defender a minha tese de doutorado sobre o colonialismo em África. Como é natural a um(a) recém-doutor(a), eu procurava, nesse momento, um posto de trabalho em uma universidade federal – que ofereceria condições para a atuação nas áreas de pesquisa, ensino e extensão, os três eixos de atuação propostos para a carreira de magistério superior no Brasil. Ao saber de uma vaga na UNILAB, fui em busca, pela internet, de mais informações que me auxiliassem a tomar a decisão de prestar ou não o concurso para docente nessa instituição. Naquela altura, o site institucional já existia (www.unilab.edu.br), sendo esse o veículo de notícias oficial da instituição, divulgando calendários letivos, palestras, seminários e demais atividades. Mas foi o *blog-Unilab* (www.blog-unilab.blogspot.com.br) que reteve a minha atenção. Ele havia sido um site que funcionou como *clipping* de notícias entre 2009 e 2010, antes da existência da instituição.

Criada como um projeto em 2008, a UNILAB ganhou vida, a partir de então, pelos esforços de uma “comissão de implantação” que teve a Universidade Federal do Ceará (UFC), localizada na capital Fortaleza, como “madrinha”. As notícias veiculadas pelo *blog* correspondem a esse período de implantação. Após a aprovação da lei de criação em 2010, a UNILAB manteve ainda ligações fortes com essa instituição tutora ao passar a contar com profissionais formados pela “Federal” do Ceará em seu corpo docente e administrativo. Por outro lado, os concursos abriram espaço para a chegada de profissionais (em especial para o quadro docente) de outras partes do Brasil e também de países no exterior, como de Cabo Verde, Congo, Gabão, Guiné-Bissau, Moçambique e Portugal.

Ao ler as notícias reunidas no *blog* sobre as ações que levaram à implantação da universidade, eu parecia estar diante de uma universidade cuja proposta de aproximação do Brasil com o continente africano me parecia real. Decidi-me pelo concurso, fui aprovada e agora, dois anos depois, falo “de dentro”. Sou professora de antropologia de uma instituição que conta, atualmente, com 85 professores (11 estrangeiros e 74 brasileiros), 89 técnico-administrativos, sete cursos de graduação, dois de especialização e um de mestrado e 1.547 alunos presenciais (1.171 brasileiros e 376 estrangeiros). A cada período letivo, chegam a Redenção, cidade do interior do Ceará localizada a 72 km de Fortaleza, novos alunos oriundos dos 13 municípios do Maciço de Baturité

(e também de Fortaleza) e dos seis países lusófonos, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. O que somos ou o que seremos está em construção, em um ritmo semelhante às paredes que se erguem para acomodar os alunos em salas de aula e alojamentos. A princípio, teremos em 2016 quatro *campi* (Liberdade, Palmares, Auroras e São Francisco do Conde) para atender a mais de 5000 alunos. O que somos também se constrói no processo, em meio aos símbolos e práticas de um espaço heterogêneo e em disputa pelos que ali, naquele microuniverso, estão envolvidos: professores, alunos, técnicos administrativos etc.

A história de criação da UNILAB faz parte de outra mais ampla referida às relações entre Estados-Nações. Numa conjuntura de iniciativas internacionais de diferentes ordens visando a ampliação da participação brasileira no cenário mundial, multipolar, contra-hegemônico e crítico das estruturas hierarquizadas e hierarquizantes do século XX, a África se tornou uma dentre outras regiões para a qual as apostas de nossos líderes governamentais passaram a ser incisivas desde 2003, numa política ativista diferente (ou pelo menos, que se espera diferente) da que teve lugar ao longo da história de relações entre o país e aquele continente. Essa política também acompanha os desdobramentos econômicos e modificações políticas dos próprios países africanos nas últimas duas ou três décadas, cenário que tem facilitado as trocas comerciais e a expansão de projetos de cooperação. A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) passou a representar um espaço com potencial para a reunião de grupos e o estabelecimento de metas e projetos compartilhados. A partir do Brasil, surgem formas de contribuir para fortalecer essas relações internacionais, em especial entre Brasil e África, o que nos leva a localizar a UNILAB como um dos projetos desse horizonte político mais amplo voltado para a cooperação internacional pela via da educação e da pesquisa científica.

Aqueles que possuem breves referências sobre a história de relações do Brasil com a África num sentido bem mais amplo do que o das linhas tecidas pelas relações internacionais conhecerão o enorme desafio que é instalar uma instituição de ensino superior luso-afro-brasileira em solo nacional, nos termos propostos pela UNILAB. Somos fruto de camadas de história construída sobre os pilares da colonização e da escravidão, história essa que atua como personagem central do cotidiano dos que defendem novos padrões de relacionamento social e mudanças nas estruturas da sociedade brasileira. Nesse contexto que parece ser favorável à reversão de velhas fórmulas da diplomacia brasileira e à ampliação dos espaços políticos conquistados por camadas da população negra no Brasil, sem precedentes na história do país, a UNILAB se apresenta como uma instituição que simboliza esse sonho de ruptura.

No *blog-Unilab* estão colocadas algumas etapas iniciais desse trabalho de construção. Não se trata aqui de formar um quadro coerente ou apresentar uma versão da história, mas fornecer algumas peças desse passado em um gênero discursivo mais livre e tomando emprestada a ideia de Johannes Fabian sobre o “comentário” como um recurso do conhecimento antropológico (2007, 2008). Considerarei aqui o *blog* (já referido acima) como a fonte a partir da qual tecerei algumas considerações sobre a criação da UNILAB. A análise será produzida a partir da “co-presença” desse texto com o objetivo de produzir um “comentário” sobre um arquivo virtual, um *blog* da internet. Observo, assim, esse arquivo virtual como um repositório de informações que reteve, no tempo, textos escritos e passíveis de análise e interpretação.

As notícias capturadas pelo *blog*: ação política e memória

Criado em 2009, o *blog* ainda está no ar e pode ser recuperado como um espaço de memória. Em sua primeira postagem, encontramos a notícia da UNILAB ter sido citada em um relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) redigido pelo secretário geral, Ban Ki-Moon, em setembro de 2009. Nessa ocasião, a ONU tomou conhecimento, pela primeira vez, da “única universidade internacional cujo objetivo central é selecionar e formar estudantes africanos”. A agenda dessa reunião esteve voltada para questões sobre os novos parceiros para o “desenvolvimento da África” e para as propostas de incentivo aos países “parceiros do desenvolvimento” (“development partners”) para se comprometerem em ações conjuntas com os “países africanos” (“African countries”). Não me reportarei ao que poderia render uma longa interpretação sobre os termos em uso nos circuitos de cooperação internacional - entre aspas - que sinalizam para diferenciações entre os atores e suas inerentes posições desiguais. Importa considerar não ter sido por acaso que essa notícia deu início ao *blog*. Sendo a ONU um espaço de grande força nas relações internacionais da atualidade, a notícia parecia conferir grandes possibilidades de sucesso ao que ainda se configurava como um projeto de lei, a UNILAB.

Outras notícias foram divulgadas a partir dessa primeira postagem. Alguns meios de comunicação (locais, nacionais e internacionais) tiveram suas notícias “capturadas” pelo *blog*, o que contribuiu para que o projeto se tornasse conhecido por um público mais amplo. O setor de comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC), a instituição tutora do projeto, e dos demais meios de comunicação locais como o *Jornal O Povo*, *Diário do Nordeste*, *Ceará Agora* foram fontes constantes acionadas e divulgadas pelo *blog*. Ao noticiar a futura criação da UNILAB, o *blog* apresentava ao público

leitor os aspectos ligados à administração do projeto, tais como os trabalhos da comissão de implantação, os dilemas quanto ao local de instalação, a cronologia de aprovação dos recursos, as previsões para o início das aulas e a seleção de professores, técnicos e alunos. Por meio destas notícias, ficamos a conhecer, por exemplo, indícios do debate travado na cidade de Baturité em finais de 2009 quando se aventou a possibilidade da nova universidade ser instalada no edifício do Mosteiro dos Jesuítas. Em seguida, ficamos a conhecer que já havia sido escolhido o local de instalação definitiva, na cidade vizinha, Redenção, para a qual foi reformado o antigo prédio da prefeitura.

Podemos ler esse arquivo virtual como um resumo das ações dos que estiveram envolvidos na criação da instituição de ensino superior, tais como a Prefeitura de Redenção e os integrantes da comissão de implantação. Não foi apenas localmente que o esforço pela implantação teve lugar. Embates diversos se apresentaram também em outros espaços. Encontramos notícias sobre o processo de tramitação do projeto de lei nas instâncias legislativas, anunciado pelos veículos de comunicação da Câmara dos Deputados, da Câmara de Constituição e Justiça (CCJ) e do Senado (as três arenas políticas pelas quais foi tramitado o projeto para a sua aprovação).

Nessa dimensão nacional, surgem, no blog, as críticas de um assessor de imprensa às tentativas de se levar a UNILAB para a Bahia, expressando a disputa em torno de qual Estado brasileiro receberia uma das primeiras universidades federais públicas, internacionais. Também são divulgadas referências à criação de universidades inovadoras do Governo Lula, consideradas centrais para o fortalecimento das relações exteriores do Brasil. Assim, não só as mídias locais se interessaram em noticiar a criação dessa universidade diferenciada, mas também, por exemplo, o *Jornal da Ciência da SBPC* - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência se coloca no debate, com uma nota sobre a importância das universidades de integração regional e internacional. Ou mesmo o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES) ao analisar o ensino superior no Brasil e as perspectivas de equidade. O *blog* também oferecia espaço para divulgação de congressos orientados com as propostas da nova universidade, como o Congresso promovido pela Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) em 2010 e notas sobre a questão racial, a equidade social e as regras do MEC (Ministério da Educação) divulgadas pelos meios de comunicação no eixo Rio de Janeiro e São Paulo.

Algumas notas da imprensa internacional também por ali circularam, mas em menor número. Anunciou-se, por exemplo, a política inovadora que no Brasil estava sendo gestada na área de educação, em referência à criação de universidades como a UNILAB. Por vezes as notícias não abordavam

diretamente a UNILAB, mas contribuía para a sua proposta, como na fala do escritor moçambicano Mia Couto a favor da CPLP, noticiada pelo jornal português *O Público*.

O início das atividades da nova universidade foi esperado para o dia 25 de março de 2010, o que não se concretizou. A data é uma referência à abolição da escravatura no Ceará, em 1884, quatro anos antes da assinatura da Lei Áurea. Essa constitui a narrativa de origem e a justificativa para a presença da UNILAB no Estado do Ceará. Em 20 de julho de 2010 foi finalmente sancionada, pelo Presidente Luís Inácio Lula da Silva, no Palácio do Itamaraty (Ministério das Relações Exteriores) a lei no. 3891/08 de criação da UNILAB, após longos meses de espera por sua aprovação nas diferentes instâncias da esfera pública e esforços de seus relatores. Após a sua criação, tomaram posse dos cargos de gestão a Reitoria (Reitor, Vice-Reitora e Pró-Reitores), dando início ao funcionamento efetivo da instituição. Após a autorização para o funcionamento, o *blog* parecia perder a sua finalidade, tendo sido a última notícia veiculada em novembro de 2010 sobre um evento promovido pela Secretaria Municipal de Educação de Redenção.

Uma instituição, significados plurais

A partir desse início de uma trajetória institucional encontramos um conjunto de enunciados que permitem considerar a UNILAB como uma instituição concebida a partir de vários projetos. Assim, muito embora se apresentasse como um único projeto de lei, várias imagens e possibilidades foram desenhadas naqueles primeiros anos visando o futuro do ensino superior que nasceria em Redenção.

Como a primeira instituição de ensino a estabelecer uma ponte com a África, a UNILAB surgiu como um projeto de aproximação das demais ações de “cooperação internacional para o desenvolvimento” presentes nos circuitos dos organismos internacionais. A proposta de uma cooperação com a África prevalecia nesses discursos iniciais sobre a UNILAB, sendo os termos dessa “cooperação” oscilantes entre duas necessidades: 1) a de “desenvolvimento” dos países africanos e 2) a de enfrentar questões e problemas comuns no âmbito da produção de conhecimento e de tecnologias para o Brasil e para a África. Percebe-se, aqui, padrões próprios da cooperação internacional iniciada com o fim do colonialismo europeu, em que o território africano passou a ser imaginado como espaço de “desenvolvimento” para o qual políticas civilizatórias e de crescimento seriam destinadas. Por outro lado, também surge a possibilidade de uma construção coletiva verticalizada na qual os diferentes parceiros podem colocar seus interesses e expectativas. As relações com a África estão

assim permeadas por esse passado e pelas imagens construídas no espaço de negociações internacionais em diferentes temporalidades.

No *blog*, também se partilhou que a instituição receberia alunos da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), ou seja, incluiria o Timor-Leste, país do sul da Ásia, ampliando a esfera de atuação da instituição. A UNILAB foi percebida, assim, como uma instituição que atuaria no ensino superior orientada pelo fortalecimento da CPLP, produzindo conhecimentos científicos e tecnológicos para o desenvolvimento da população dos países envolvidos. A instituição seria de “integração internacional no campo da educação superior” nos termos de uma “cooperação solidária” “lusófono-brasileira”. Tais termos são reveladores do vínculo que se estabeleceu (ou se pretendia estabelecer) com os chefes de Estado dos países parceiros, reforçando-se a ideia da lusofonia (ou seja, expressão em língua portuguesa) como o principal atributo dessas nações. Tal orientação coloca enormes desafios. Por um lado, dá continuidade às propostas gestadas em Portugal nos anos 1960, como parte das transformações colocadas pelo fim do colonialismo. Naquele momento, a ideia de uma lusofonia partiu da vontade de governantes portugueses em manter sua área de influência nas então colônias em vias de alcançar a independência. Por outro lado, a proposta lusófona exclui qualquer possibilidade de diálogo com os povos de aportes culturais e linguísticos diversos presentes no continente africano e asiático.

Nesse viés internacional, o projeto da universidade também seria o de integrar uma rede de instituições de ensino superior responsáveis pelo desenvolvimento de projetos econômicos, políticos e culturais “supranacionais” com objetivos de “cooperação sul-sul”, segundo o Ministro da Educação Fernando Haddad. Esta seria outra chave de demanda política marcada por propostas de desenvolvimento conjunto entre países emergentes e impulsionada por outro organismo internacional, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Vista a partir de uma rede integrada de instituições, a UNILAB viria a ser a mais “global” das universidades brasileiras com vários *campi* nos países africanos, mantendo-se o principal em Redenção. Também as marcas do discurso referidas a uma “cooperação sul-sul” encontram-se destinadas a estabelecer pontes de apoio com países que viveram a experiência colonial e que hoje procuram novos territórios de autonomia por meio de laços de cooperação, “solidária”, evitando, assim, a mediação das ex-metrópoles coloniais, localizadas no “norte”.

Para além das expectativas depositadas sobre a nova instituição quanto à integração internacional, a proposta de uma integração étnico-racial nacional também foi considerada como parte do projeto, como escreveu o presidente

da comissão de implantação, primeiro Reitor da Universidade, Paulo Speller, em artigo publicado no *Jornal O Povo intitulado* “Ousadia na Integração Internacional” em setembro de 2009:

No plano nacional, a Universidade Afro-Brasileira contará com o apoio e participação de universidades públicas atuantes nos países de expressão portuguesa, prevendo-se expressivo crescimento com qualidade dos programas de cooperação com o Brasil. É de se prever igualmente o desenvolvimento de ações conjuntas com outras instituições sociais e comunitárias que se destacam na integração étnico-racial e na cooperação com países africanos e asiáticos. Não há dúvidas de que o V Encontro de Empresários de Língua Portuguesa em Fortaleza representa oportunidade de negócios solidários entre os países da CPLP e seus parceiros de todas as regiões do planeta (PAULO SPELLER, 2009)

Tal perspectiva também permite ampliar os termos presentes no que se procura definir como “lusó-afró-brasileiro”. Categoria difusa e de significados múltiplos, e que pode ser considerada a partir de demandas nacionais de participação política de uma parte da população negra destituída pelo processo histórico de posições de poder e autonomia. O modo como tal afirmação será feita depende das escolhas dos símbolos e processos históricos, o que pode levar a uma percepção do Brasil como nação fragmentada na diversidade que lhe é constitutiva. Refiro-me, em especial, à presença marcante das populações indígenas no território brasileiro, que são muitas vezes esquecidas quando se faz referência a uma unidade “lusó-afró-brasileira”.

Também surgiu nos registros do *blog* uma expectativa regional de atendimento às demandas de uma universidade para o Maciço de Baturité, região do Estado do Ceará com carência de projetos de desenvolvimento local. Esta é outra ênfase que mereceria uma cuidadosa análise dos contextos históricos que permitissem encontrar pistas para o entendimento do Maciço de Baturité como região “carente” de necessidades e, ao mesmo tempo, alvo de novos projetos estatais visando o crescimento econômico.

Assim, no início de sua existência, a UNILAB já nascia sob a influência de diferentes coletivos: os países africanos, as comunidades lusófonas, os países conectados pela ideia sul-sul, as populações afro-brasileiras e a região Nordeste e o interior do Ceará. Tais ideias norteadoras lançaram as bases para a construção dos primeiros cursos oferecidos pela instituição nas áreas da saúde, formação docente, engenharias, gestão e agronomia para

atender a um corpo discente formado por 50% de alunos brasileiros e 50% de alunos estrangeiros. Em seu projeto inicial, a UNILAB deveria contratar, para seu quadro docente, professores estrangeiros, ocupando-se ainda de uma formação e certificação que tivesse validade no Brasil e nos países de origem dos alunos. Essa formação e certificação compartilhada garantiria o retorno dos estudantes ao seu país de origem.

Este breve comentário poderia ser aprofundado com uma análise sobre os contextos em que tais enunciados tiveram lugar no interior de campos de disputa. Ao se perseguir caminhos metodológicos que estabelecessem vínculos analíticos entre as diferentes vozes e as outras dimensões da vida social, seria possível um conhecimento mais realista das condições sociais e políticas envolvidas na criação da mais jovem universidade brasileira marcada pela ideia da “integração internacional luso-afro-brasileira”. Sendo este um texto breve, de opinião, procurei apenas sinalizar para a importância de se reconstituir os significados envolvidos na história da instituição. A partir do diálogo com um arquivo virtual, alinharei alguns pontos que me serviram de inspiração para pensar na pluralidade de coletivos e suas representações. Assim, é possível levantar algumas questões sobre o nosso lugar (professores e funcionários administrativos) enquanto mediadores de símbolos dentro e fora da sala de aula, em resposta às demandas das comunidades a serviço das quais somos chamados a atuar.

ABSTRACT: In this paper, I propose a brief analysis on higher education through the dialogue with a blog used as a newspaper clipping between 2009 and 2010. Inspired in Johannes Fabian's (2007,2008) "commentary" as a resource to anthropological knowledge, I extract some points from this blog to reflect upon the plurality of groups that composed the Universidade da Integração Internacional da Lusofonia-Afro-Brasileira (UNILAB) in its years of implantation, in Redenção, Ceará, Brazil.

Artigo

Recebido: 01/02/2014

Aprovado: 19/05/2014

Keywords: higher education; international cooperation; anthropology

Referências

APPADURAI, Arjun. "The Past as a Scarce Resource" *Man*, New Series, v. 16, n. 2, p. 201-219, Jun. 1981.

Blog-Unilab. Disponível em: < <http://www.blog-unilab.blogspot.com.br> >
Acesso em: 03 de jan. 2014.

DÁVILA, Jerry Hotel Trópico: O Brasil e o desafio da descolonização africana, 1950-1980. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

DIÓGENES, Camila Gomes e AGUIAR, Reginaldo (Orgs). UNILAB: Caminhos e Desafios Acadêmicos da Cooperação Sul-Sul / Universidade da Integração Internacional da Lusofonia-Afro-Brasileira. Redenção: UNILAB, 2013.

FABIAN, Johannes *Memory against Culture – Arguments and Reminders*. Durham and London: Duke University Press, 2007

_____. *Ethnography as commentary – Writing form the Virtual Archive*. Durham and London: Duke University Press, 2008

SARAIVA, J. F. S. “A política brasileira para a África” *Humanidades*, 13, p. 86-91, 1987.

SARAIVA, J. F. S. “Do silêncio à afirmação: as relações do Brasil com a África” In: CERVO, Amado (Org.) *O desafio internacional. A política exterior do Brasil de 1930 a nossos dias*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994.

SARAIVA, J. F. S. “Política exterior do governo Lula: o desafio africano”, *Revista Brasileira de Política Internacional*, 45 (2), 2002.

SPELLER, Paulo. *Ousadia na Integração Internacional*. *Jornal O Povo*, Fortaleza, s/p, 29 de set. 2009.